

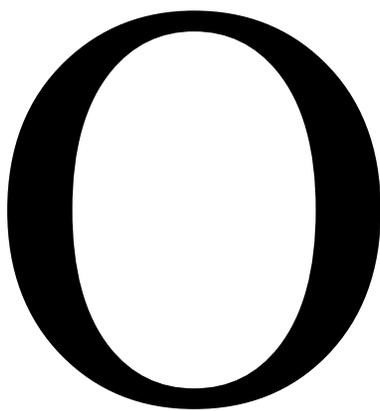
# DE VOLTA AO BATENTE

---

*Evaldo Piolli*

---

*AUTONOMIA OPERÁRIA, DE MAURÍCIO TRAGTENBERG,  
SÃO PAULO, EDITORA DA UNESP, 2011, 437 P.*



livro *Autonomia Operária*, lançado recentemente pela Editora da Unesp, é mais uma publicação que integra a coleção Maurício Tragtenberg, dirigida e organizada pelo prof. Evaldo Vieira. O volume reúne vários escritos jornalísticos editados no final da ditadura militar, passando pela Nova República. A riqueza do material, cuidadosamente organizado no livro, está relacionada ao tipo de abordagem crítica que Tragtenberg fazia de temas complexos da política, da economia, do mundo do trabalho, do sindicalismo e da defesa de minorias, como os indígenas. A crítica independente e a liberdade

são marcas características desses escritos, um traço muito raro nos dias de hoje.

Os escritos expressam a capacidade que Tragtenberg tinha de transpor seu conhecimento, de forma inteligível e provocativa, para públicos diferenciados. Os textos da coluna No Batente do jornal *Notícias Populares*, criada por ele e editada entre os anos de 1981 e 1989, direcionada a trabalhadores, ou mesmo os artigos enviados a veículos como a *Folha de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde*, voltados a um público “mais intelectualizado”, dão uma ideia exata do que estamos querendo dizer.

No entanto, devo destacar aqui que Tragtenberg, com sua grande erudição e o amor aos livros, tinha um profundo respeito à inteligência e à capacidade de crítica dos trabalhadores. Naquele contexto, muitos trabalhadores, entre eles o autor desta resenha, que na ocasião era operário metalúrgico, foram movidos a pensar e a refletir criticamente sobre a exploração do trabalho, a política, a economia e a organização sindical. Ao comunicar-se de forma clara com todos os públicos e ao fazer sua opção pela defesa da causa dos trabalhadores, das minorias e dos desfavorecidos, o professor, sem ser professoral, ia se distanciando da recorrente “pedantocracia universitária” e do “salto alto da vida acadêmica”. Provocava em todos nós a vontade de saber, de ler e de contestar.

Numa de suas colunas sobre a leitura dos trabalhadores, ele contesta a ideia de muitos sindicalistas e intelectuais de que o trabalhador deveria ler apenas “boletins” de uma página só, pois não suportaria textos mais densos. Discordando desse ponto de vista, irá fazer a seguinte afirmação:

“[...] é claro que o trabalhador não tem tempo de ler calhamaços de seiscentas páginas, e isso muito intelectual também não tem tempo de ler. Porém, livros de tamanho médio escritos em linguagem clara, o trabalhador que deseja conhecer o mundo que o cerca tem condições de ler” (p. 13).

A maioria dos escritos reunidos no livro foi publicada na coluna No Batente, do jornal *Notícias Populares*, na qual manifestava um posicionamento muito claro de dar voz aos trabalhadores, de combater o peleguismo sindical e os políticos e partidos oportunistas de direita e de esquerda. Um posicionamento muitas vezes incompreendido, inclusive por aqueles que se denominavam a “vanguarda do proletariado”, representantes do “novo sindicalismo” ou do “sindicalismo autêntico”. Como o próprio autor destacava,

**IVALDO PIOLLI**  
é sociólogo  
e professor  
da Faculdade  
de Educação  
da Unicamp.

“[...] a seção dirige-se a quem está ‘no batede’ e não àqueles que estão afastados da produção querendo falar em nome dos que trabalham. [...] A coluna está aberta a toda população trabalhadora sindicalizada ou não, às oposições sindicais de várias categorias na sua luta contra os ‘pelegos’ ou mesmo aos trabalhadores de várias categorias que, ao elegerem diretorias sindicais ‘autênticas’, num primeiro momento, verificam que as citadas transformaram-se em inautênticas ao assumirem ante a classe a figura de ex-operários, agora portadores de cargos nos sindicatos, afastando-se das bases [...]” (p. 4).

No campo da política Tragtenberg aponta suas críticas aos pretensos “defensores do povo”, revelando a inconsistência e o oportunismo dos partidos e dos políticos, tal como no processo eleitoral de 1982, quando, naquele momento, denunciava a manipulação eleitoral dos partidos de massa apoiados por recursos de empresas dos vários setores que ofereciam “doações” a tais partidos e a compra de votos, processo que ele denominou de “doença eleitoral”. Não poupou críticas também aos “candidatos operários” de partidos como o PT e o PDT, alertando para os riscos da opção da via parlamentar, por conta das concessões, dos conchavos e do carreirismo político que levariam esses candidatos a se afastarem dos reais interesses da classe trabalhadora. De modo que tal candidato,

“[...] se eleito, deixará a fábrica, frequentará o parlamento, terá que vestir-se de terno, colete e gravata [...]. Com os anos ele esqueceu que foi peão. Numa nova eleição ele lembra de novo que fora peão, aí põe boné e camiseta e vai pedir voto na porta da fábrica. Porque o maior problema para aquele que foi eleito é ser reeleito. Assim começam as carreiras políticas” (p. 145).

Ao fazer essa crítica e destacar a necessidade de o trabalhador confiar na auto-organização, Tragtenberg consegue antever as transformações que sofreriam tais partidos que hoje atuam como verdadeiras máquinas

eleitorais de massa, impregnadas de ex-trabalhadores e sindicalistas transformados em políticos profissionais.

A importância dos textos organizados nesse livro também pode ser traduzida pela maneira como abordava as mudanças significativas que começavam a ocorrer no mundo do trabalho, como os processos de automação, de robotização e dos esquemas de manipulação do modelo japonês de produção e suas consequências para o trabalhador. Os textos desmistificavam tais “inovações” alertando os sindicatos brasileiros – alguns empolgados com as “possíveis melhorias” nas condições de trabalho – para os efeitos nocivos desse processo apresentando situações que já vinham sendo enfrentadas por trabalhadores americanos, europeus e japoneses.

O leitor encontrará trechos em que Tragtenberg desconstrói o discurso apologético da qualidade total e seu modelo de participação baseado na “ideologia de harmonia social e da colaboração de classes”. Destacava os círculos de controle de qualidade (CCQ) como novo mecanismo de controle da força de trabalho para aumentar a produção e baixar os custos através da maior adesão dos trabalhadores aos objetivos das empresas. Sobre tais inovações sugeria aos sindicatos e aos partidos olhar para dentro das fábricas e para as novas práticas do setor de recursos humanos e treinamento cujos dados seriam “importantíssimos para a ação sindical”. Recomendava “olhar mais para dentro da fábrica, e ver o que lá está ocorrendo antes que seja tarde demais”, como que prevendo que o desdobramento desse processo poderia fragilizar a luta e colocar sindicatos na defensiva, fato que se verificaria de forma mais acentuada a partir do anos 1990.

Preocupado com o futuro dos empregos, Tragtenberg antecipava a chamada reestruturação da produção e suas consequências, destacando temas como o desemprego, a terceirização e precarização dos contratos de trabalho, os novos métodos de controle do trabalho dentro das empresas, o estresse e o adoecimento dos trabalhadores. Essa preo-

cupação com os trabalhadores, sua organização e luta, estava presente em suas análises da economia e da política internacional nas quais provocava a reflexão e nos chamava atenção para os possíveis efeitos no Brasil.

Dialogando com os trabalhadores por meio de cartas enviadas à coluna *No Bate*, por exemplo, Tragtenberg vai denunciar as situações de exploração e as condições de trabalho a que estavam expostos milhares de trabalhadores. São vários escritos sobre a perseguição e ameaças às lideranças sindicais, práticas discriminatórias contra as mulheres, negros e outras minorias no espaço de trabalho, isso para se ter uma ideia da variedade temática dos escritos reunidos no livro. Através desse diálogo ia retratando a vida dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade.

A respeito do sindicalismo, os escritos manifestam um posicionamento implacável contra o peleguismo do velho e do “novo sindicalismo” bem como questionam com profundidade a burocratização e a acomodação dos dirigentes em relação à sobrevivência dos sindicatos sob a dependência da contribuição sindical. Tragtenberg revoltava-se contra a estrutura sindical, a qual chamou de “fábrica de pelegos”, e a prática do assistencialismo dos sindicatos partindo para a defesa de um sindicalismo autêntico baseado na auto-organização dos trabalhadores. Também acusava o poder regulatório do Estado sobre os sindicatos e sua organização das categorias em federações e confederações apontando para o distanciamento desses organismos dos interesses da classe trabalhadora. Segundo ele, a estrutura sindical e o baixo índice de filiação contribuíam para que, através dos processos eleitorais sindicais, os pelegos fossem se perpetuando no poder: “A perpetuar o que está, vigora o peleguismo, o sindicato de carimbo, e o rato sindical substituirá o líder sindical”. Defendia a autonomia dos sindicatos “ante o Estado e ante a quaisquer partidos políticos, seitas ou igrejas que pretendam tutelá-los”, uma vez que “toda tutela implica em infantilizar o trabalhador”. Assim, manifestava-se,

de forma insistente, a favor da auto-organização dos trabalhadores a partir do local de trabalho.

Sua crítica não foi direcionada apenas para os sindicalistas do “velho sindicalismo”, mas também aos do “novo sindicalismo”, que, ao assumirem e conquistarem as diretorias dos antigos “pelegos”, perpetuaram as velhas práticas. Para o autor, os grupos hegemônicos que constituem as novas “diretorias autênticas”, ao encontrarem dificuldades de conviver com outros grupos de formação e orientação política “muito heterogêneas”, passam a enfrentá-los como opositores, lançando mão da estrutura para combatê-los. Ou seja, mudam-se as caras, mas as práticas e a estrutura se perpetuam.

A atual conformação do sindicalismo brasileiro, como consequência das escolhas feitas anteriormente, pode ser descrita como sendo de dependência, baixo potencial de crítica e de luta, situação que Tragtenberg já apontava em seus escritos e para a qual chamava a atenção das lideranças que surgiam naquele contexto dos anos 1980. As centrais sindicais, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), formada em 1983, que deveriam constituir-se como organizações paralelas e alternativas, não foram suficientes para romper tal modelo e, ao contrário, passaram também a ser sustentadas pelo Estado através do acesso a uma fatia das contribuições sindicais, com a Lei 11.648/2008, e de verbas públicas, como no caso do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Tornaram-se, desse modo, organismos aparelhados por partidos que hoje estão no governo e dando a esses uma base de sustentação.

Enfim, os escritos reunidos no livro expressam a força das palavras contra a situação da classe trabalhadora, seja por estar submetida às injustiças oriundas do mundo do trabalho, ou por ser objeto de manipulação de “sindicatos pelegos”, “assessores pilantras”, “partidos e políticos oportunistas”. Ao tomar contato com eles, o leitor irá se deparar, ao mesmo tempo, com um importante documento histórico e um manifesto político contundente e bastante atual.